

## TEORIA CRÍTICA DA TECNOLOGIA EM ANDREW FEENBERG

contribuições ao ensino de história em tempos de pós-pandemia

*Francisco Amarildo Freires dos Santos*

### Resumo

O prestigiado filósofo americano Andrew Feenberg é professor do departamento de Filosofia da Tecnologia da Universidade Simon Fraser em Vancouver (Canadá), e dedica seus estudos em áreas como a Filosofia da Tecnologia e a crítica da tecnologia. Suas produções científicas nos convidam ao desenvolvimento da autorreflexão, de um olhar crítico, para superar ideias conformistas de que as tecnologias são neutras, sendo necessário historicizá-las. Não há neutralidade nas tecnologias, e sim todo um discurso excludente que corrobora com princípios antidemocráticos, de poder e controle social. O presente artigo estabelece uma relação com as características da Teoria Crítica da Tecnologia de Feenberg com o ensino de história, mapeando contribuições à área.

**Palavras-chave:** Filosofia da Tecnologia; ensino de história; desafios

### Abstract

The prestigious American philosopher Andrew Feenberg, is a professor in the Department of Philosophy of Technology at Simon Fraser University in Vancouver (Canada), and dedicates his studies to areas such as Philosophy of Technology and the critique of technology. His scientific productions invite us to develop self-reflection, a critical look, to overcome conformist ideas that technologies are neutral, being necessary to historicize it. There is no neutrality in technologies, but a whole excluding discourse that corroborates with anti-democratic principles, power and social control. This article establishes a relationship with the characteristics of Feenberg's Critical Theory of Technology with the teaching of History, mapping contributions to the area.

**Keywords:** Philosophy of Technology; History teaching;

### INTRODUÇÃO

Diante da popularização das tecnologias digitais no cotidiano, Selwyn (2011) nos convida a uma reflexão no campo educacional na perspectiva de superar a visão da simples adição de artefatos técnicos à educação. Para o autor: “O estudo da educação e tecnologia deve, portanto, ser vistos em termos das ciências sociais indo além da compreensão dos aspectos ‘técnicos’ da aprendizagem e prestando atenção cuidadosa ao mundo social da educação” (SELWYN, 2011, p. 13).

O convite à visão do ir além do técnico considera conceber as tecnologias digitais sob diversas perspectivas e abordagens para entender, por exemplo, a sua não neutralidade. Somos instigados a identificar os discursos, os propósitos e as características fundamentais da tecnologia digital, sua lógica de construção de redes em uma perspectiva convergente, considerando que “[...] tecnologias estão associadas a aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da sociedade” (SELWYN, 2011, n.p).

As tecnologias digitais são utilizadas para aproximar as distâncias, processar e disponibilizar informações e facilitar o diálogo. Elas têm relação direta com a transformação, com o progresso tecnológico

e com as transformações culturais, fazendo surgir novos comportamentos, culturas e habilidades em um mundo em profunda transformação, onde uma de suas marcas é a competição e o espírito inovador.

Entre autores da área da filosofia da tecnologia, Feenberg (2013) considera o termo “tecnologia” não restrito apenas a máquinas, computadores, *smartphones* e outros artefatos, mas também ao processo pelo qual o humano modifica a natureza para satisfazer suas necessidades e anseios, melhorando formas de viver, democratizando seu uso, indo muito além da funcionalidade.

As tecnologias se tornaram um negócio valioso e de grande interesse por parte das corporações maiores. Elas carregam valores, promovem discursos e revelam os hábitos de uma realidade ainda destoante, da qual uma minoria se beneficia em detrimento da maioria, num cenário de intensas relações de poder e lucro. Elas moldam sistemas políticos, dispendo de estruturas, repercutindo em diversos setores.

Na área educacional, as repercussões nas tecnologias deram uma sacudida na rotina pedagógica, como, por exemplo, no ensino, visto por muitos como uma espécie de “depósito em vez de descoberta”, e os estudantes numa “posição de receptores de currículos previamente embalados (SELWYN, 2011).

## **A TEORIA CRÍTICA DA TECNOLOGIA ANDREW FEENBERG**

Andrew Feenberg, no início da década de 1980, na Califórnia, teve papel destacado na criação e desenvolvimento do primeiro programa de educação *on-line*, assunto que dedicou ampla literatura, definindo os limites e as possibilidades desse formato educacional enquanto lugar para a interação pedagógica por meio da escrita (MARICONDA; MOLINA, 2009).

Seus últimos trabalhos trataram sobre temas ligados à filosofia da tecnologia, tais como: “Teoria crítica da tecnologia” (1991), “Questionando a tecnologia” (1999), “Transformando a tecnologia” (2002), “Heidegger e Marcuse” (2005) e “Tecnologia, modernidade e democracia” (2015). Na penúltima obra, o autor aprofunda as conexões entre esses dois pensadores do século XX que desenvolveram concepções deterministas acerca da racionalidade tecnológica (MARICONDA; MOLINA, 2009).

Feenberg aborda, inicialmente, a temática da filosofia da tecnologia na perspectiva histórica, em uma leitura contemporânea, sustentado em diferentes teorias nas quais se encontram a discussão. No viés histórico, realiza, preliminarmente, uma reflexão sobre os modos de pensar das pessoas inseridos nas sociedades tradicionais, modernas e contemporâneas, acompanhando os seus desdobramentos considerando os efeitos do pensamento iluminista.

Feenberg é um autor que está diretamente ligado à Teoria Crítica, concepção teórica muito presente nos seus escritos e neste texto, particularmente. Aborda questões sociais e políticas que se contrapõem a uma visão universalista e essencialista da história na sociedade, característica do pensamento sociológico dos séculos XVIII e XIX.

Justamente nesse contexto, tem o intuito de se contrapor a esses pensamentos e entendimentos, denominados por Feenberg de deterministas, visão que está diretamente relacionada a uma ideia de

progresso e desenvolvimento humano, que não condiz com uma sociedade que se proponha a ser socialmente igualitária e democrática.

É uma concepção de tecnologia associada, essencialmente, ao progresso humano, e não afeita a uma ideia de sociedade democrática, na medida em que normatiza as relações de poderes políticos associados a essas tecnologias, encarando-as como processos naturais inerentes ao próprio progresso técnico da sociedade.

Quando fala em democracia, Feenberg não está falando de uma noção de democracia liberal, em que o poder da sociedade, das pessoas, do coletivo é garantido pelos processos institucionais do Estado. Na verdade, para ele, a democracia está no que chama de *domínios tecnicamente mediados da vida social* (FEENBERG, 2010a). A democracia está justamente no potencial de organização coletiva da sociedade civil mais do que propriamente nas formas de representação institucional do Estado.

Ante ao recorte contextual das discussões filosóficas e históricas da tecnologia, percebemos na teoria de Feenberg que a sua concepção de tecnologia é marcada por uma ambivalência (FEENBERG, 2010c), sobretudo quando, ao longo dos estudos sobre a sua teoria, é constatada uma influência das questões políticas sobre a mesma. Influência essa manifestada por ações de controle social, político, econômico, ideológico e cultural.

Por outro lado, pode-se perceber que a concepção de tecnologia de Feenberg é manifestada como um meio democratização da sociedade moderna, cujo papel é o de promover uma integração dos interesses sociais coletivos e subjetivos, com vistas à construção e reestruturação do mundo social.

De maneira genérica, a Teoria Crítica da Tecnologia de Feenberg se define como uma teoria política da modernidade, cuja função está inserida em uma dimensão de normativa para que superemos os discursos de controle, antidemocracia e exclusão democrática (FEENBERG, 2010d).

Bebendo das influências de Herbert Marcuse (MARCUSE, 1982), Feenberg construiu um entendimento de que a tecnologia na modernidade esteve sujeita a uma *racionalização* oriunda das formas vigentes dos poderes políticos e demais contextos, entendendo que as lutas e reivindicações integraram a sociedade na modernidade em confronto com as formas veladas e escancaradas de controle das classes dominantes por meio das tecnologias, daí o entendimento de que seu uso foi politicamente tendencioso.

### **Racionalização subversiva**

A ideia da *racionalização subversiva* se aproxima do pensamento marcuseano, no tocante à possibilidade de que a tecnologia pode se transformar por meio de uma revolução. É válido considerar que, embora não haja reconhecimento assumido de Feenberg dessa dimensão revolucionária da tecnologia em um tom marcuseano/marxista, ele considera e retoma os exemplos das lutas pelos direitos pela minoria, que reverberou a sua *racionalização subversiva* da tecnologia.

O viés político que a tecnologia age sobre a sociedade, com suas intenções dominantes oriundas das classes sociais que exercem controle, não atende aos interesses das classes subordinadas, contidas em suas reivindicações por direitos com vistas a transformar seus interesses em ações participativas do *design* tecnológico. Mesmo ignoradas tais reivindicações, é possível compreender que parte delas consegue embutir essas reivindicações no *código técnico*. A racionalização subversiva, diante do exposto, surge considerando os efeitos dessa luta social levada a cabo pelas minorias, uma vez que se instaura democraticamente, percebendo-se, assim, que sua intenção de libertação do controle tecnológico, mas também da satisfação das necessidades, não contemplada antes em decorrência dos dispositivos tecnológicos em causa.

Feenberg ressalta que o propósito da Teoria Crítica da Tecnologia contempla, prioritariamente, a criação de uma tecnologia de concepção essencialmente democrática, “[...] que fornece uma plataforma para conciliar muitos conflitos aparentemente opostos à reflexão sobre a tecnologia” (FEENBERG, 2010e), antes nunca oferecido por outra teoria, e que mesmo não oferecendo respostas definitivas, porque não há, o teórico leva a cabo uma concepção primada na democracia que pode conduzir a uma possibilidade transformadora.

De forma descritiva, apresentamos abaixo um quadro com dois eixos que versam, respectivamente, sobre as questões acerca do controle e do exercício do poder como fruto do desenvolvimento da tecnologia, com a possibilidade de ela ter ou não valores que se incorporam ao seu desenvolvimento. No eixo horizontal, o que fica evidenciado é a questão do controle da tecnologia, seu exercício do poder sobre o seu desenvolvimento, considerado a partir dele sobre as suas estruturas das sociedades na modernidade.

### DIMENSÕES DAS TECNOLOGIAS

A TECNOLOGIA É:		
NEUTRA	Eixo (A) AUTÔNOMA	Eixo (B) HUMANAMENTE CONTROLADA
	(1) Determinismo. Por exemplo: a teoria da modernização	(2) Instrumentalismo. Fé liberal no progresso.
<b>CARREGADA DE VALORES - MEIOS</b>	(3) Substantivismo. Meios e fins ligados em sistemas.	(4) Teoria Crítica.

<b>FORMAM UM MODO DE VIDA QUE INCLUI FINS</b>		Escolha de sistemas de meios-fins alternativos.
---	--	---

Fonte: Feenberg (2010b, p. 57).

No item 1 do quadro, temos a tecnologia classificada como autônoma. Porém, em outra vertente (item 2), seu desenvolvimento aparece totalmente controlado pelo homem. Ao nos referirmos à autonomia, Feenberg (2010b) não diz que ela se desenvolve sozinha e sem a participação humana, uma vez que o autor se refere à noção que a tecnologia esteja em uma vertente de desenvolvimento, que salta ao controle humano, com avanços significativos, sem considerar interesses e valores, que incapacitam o homem para promover mudanças nos transcurso desse processo.

Já na outra dimensão da tabela, a vertical, são considerados o *status* que os sistemas tecnológicos ocupam mediante valores aplicáveis ou não à ação técnica, seu desenvolvimento, etc. De um lado, temos a neutralidade da tecnologia, que faz referência à ideia de que a impossibilita de realizar valores, estando reduzida a uma dimensão puramente funcional, sem possibilidade de análise sob a perspectiva de que haja uma interferência desses valores em sua definição.

Essa neutralidade tecnológica é entendida como a possibilidade de que a tecnologia não carrega valores específicos na sua concretude, mas apenas funciona e não proporciona condições necessárias de serem analisadas a partir de valores necessários que possibilitem uma melhor definição.

Em oposição a essa neutralidade, temos uma dimensão que considera que a tecnologia é carregada de valores específicos que devem ser considerados em seu desenvolvimento tecnológico, introduzidos como critérios que a definem e subjagam o desenvolvimento em processo, ou seja, abordam a implementação de valores ao *design* tecnológico, que se antecede ao *código técnico* de um determinado sistema ou dispositivo.

Em continuidade do detalhamento do quadro proposto por Feenberg sobre as variedades de tecnologias, temos, agora, a classificação que o filósofo produz entre essas teorias, levando em conta o lugar ocupado nas interseções dos eixos. No eixo A1, temos as teorias deterministas estabelecendo relação entre neutralidade e autonomia nas tecnologias; no eixo A2, temos as teorias instrumentalistas, que consideram a tese da neutralidade tecnológica fortemente sintonizada com os discursos de progresso e fé liberal, em que a humanidade teria o controle tecnológico.

Já no eixo B1, residem as teorias substantivistas, que, em oposição às ideias anteriores, preconizam que valores são atribuídos nessa relação meio e fim implicados em sistemas técnicos, enfatizando que o desenvolvimento tecnológico é autônomo. Por fim, na dimensão B2, temos a teoria crítica da tecnologia, constituída na perspectiva de Feenberg, em que ao homem é possível o seu controle sobre a tecnologia, seu desenvolvimento, considerando escolhas que façam sentido ao arcabouço tecnológico e que tenham viabilidades reais à relação meio e fim.

Ressaltamos que toda essa análise é uma formulação do próprio Feenberg disposta nesses esquemas, que não é infalível, tampouco verdadeira. Porém, é uma leitura da filosofia da tecnologia no

século XX feita pelo autor. E, assim mesmo, ele se vê em uma vertente teórico-crítica da tecnologia, que tem em comum com o substantivismo o fato de reconhecer que a tecnologia tem um valor substantivo, residido na tese de que, além de a tecnologia se caracterizar pela eficiência, pelo domínio e pelo controle, esses valores estariam presentes em todas as tecnologias.

Com essa classificação, o autor vai organizar a filosofia da tecnologia no século XX na contemporaneidade, ressaltando que aqueles teóricos que entendem que a tecnologia é neutra são identificados como filósofos e teóricos deterministas e instrumentalistas, nomes de duas grandes correntes da filosofia da tecnologia. Mas há outras duas grandes correntes que vão entender que a tecnologia não é neutra: o substantivismo e a Teoria Crítica.

Em uma breve análise, e diante das considerações anteriores de Feenberg, reforçamos que, em relação à tecnologia, esta pode ser controlada ou não. Aqueles que entendem que a tecnologia não pode ser controlada, Feenberg situará entre o determinismo e o substantivismo, em que podemos ver elementos em comuns. Aqueles que entendem que a tecnologia não pode ser controlada pelo homem, vamos situá-los no instrumentalismo e na Teoria Crítica.

A Teoria Crítica mantém uma aproximação com a democracia, que corrobora com o substantivismo quando destaca que a tecnologia não é neutra, sustentando a tese de que é possível estabelecer pontos de intervenção na tecnologia a fim de que eles atendam a outros objetivos que não sejam, por exemplo, o da destruição.

## **CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA CRÍTICA DAS TECNOLOGIAS DE FEENBERG AO ENSINO DE HISTÓRIA**

Ensinar história requer, sobretudo nos últimos anos, coragem e ousadia para estabelecer as necessárias relações entre o presente e o passado para vislumbrar possibilidades de futuro.

E o contexto político brasileiro compreendido entre o período de 2018-2022 está ancorado em práticas autoritárias de revisionismo histórico, ameaça à liberdade da prática dos professores de história. O revisionismo tem como estratégia a manipulação e a total negação dos fatos, daquilo que as fontes históricas revelaram e revelam a seus pesquisadores, que conta com a força de robustos, sofisticados e planejados recursos tecnológicos para a sua disseminação. Com o suporte de poderosos exércitos humanos e mecânicos, esses “narradores” levantam teses que carecem de uma fundamentação sólida.

Discussões não fundamentadas pairam sobre a existência do Golpe de 1964, sobre a Comissão da Verdade, os direitos das mulheres, as questões afirmativas, e até rever o que é ou não, de fato, direitos humanos, são apenas alguns desses exemplos.

Tudo isso sem embasamento científico e com total distanciamento explícito da ciência e dos seus métodos, o que faz ascender discursos e práticas religiosas que reproduzem, muitas vezes de forma velada,

discursos autoritários. O campo da história se torna o alvo principal nessa verdadeira arena de guerra, configurando um campo de disputa, por quem terá em mãos a “verdade histórica”, para legitimar projetos de poderes.

Essas ações rasteiras, que tentam a todo custo deslegitimar a área da história, são corroboradas por medidas políticas do atual governo federal, que, a todo custo e modo, tentam descaracterizá-la, diminuindo sua importância, questionando, inclusive, a formação do profissional de história.

As tecnologias, sobretudo as digitais, disponíveis via redes sociais são empregadas como meios de transmissão dessas novas narrativas, que ganharam adesão de grupos bolsonaristas. São posturas e conduções que vão na contramão do entendimento dos fatos, oriundos de pesquisas historiográficas, numa clara tentativa de manipulação da própria história, para legitimar poderes políticos.

Tais estratégias, ancoradas em posturas autoritárias e de controle, precisam ser constantemente debatidas num plano em que o diálogo e a democracia sejam os alicerces e que não sejam golpeadas. Ruckstadter, Ruckstadter e Souza (2021, p. 1), ao dialogarem com as contribuições de Paulo Freire (1921-1997) para construir uma hipótese sobre a relação existente entre autoridade e disciplina no ambiente escolar, ressaltam que o pensamento freireano pode “ajudar a construir uma contraofensiva a partir da autoridade e da disciplina, mas sem deixar de lado algo fundamental para a democracia: a liberdade”.

É nesse sentido que a liberdade precisa encorajar o ensino de história, caso contrário, os constantes ataques acabarão comprometendo o contínuo processo de formação crítica dos discentes, numa tentativa rasteira de impedir debates e discussões necessárias, assim como a promoção de alucinações de ideias e o comprometimento da busca por conhecimentos ancorados em métodos científicos validados, em um cenário cada vez mais nebuloso que abre espaços para a ampliação de um conservadorismo extremo, difuso, vago e tosco.

Ante a tantos desafios, o estudo da história, seu ensino e a formação dos professores foram desafiados a reagirem às transformações impostas. A história está em constante movimento, conduzindo-nos a enxergar outras possibilidades de estudos e abordagens, como a estudada por Lucchesi (2012): a história digital, onde lá estão postos os fatos instantaneamente, permitindo-nos transformar o presente com suas imediatizações em reflexão histórica.

A pauta defendida na Teoria Crítica nos remete a lançar olhares críticos e investigativos sobre o ensino de história, sobretudo em sua relação com as tecnologias.

Muito importante é discutir as questões que permeiam as tecnologias no ensino de história com os professores, para que, entre a expectativa e a realidade, sejamos capazes de mensurar as contribuições da tecnologia para o bem da coletividade, num espírito ancorado na democracia.

As concepções de tecnologias conceituadas pelos professores de história são necessárias para compreender esse cenário turvo e tenebroso, marcado por uma política federal negacionista em vários temas e discussões acaloradas, polêmicas e negacionistas, *numa guerra cultural e retórica do ódio, muito bem equipada*

por *midiosfera de desinformações* (ROCHA, 2021), com a utilização de vários dispositivos tecnológicos que reproduzem pautas autoritárias e negacionistas, como aqueles que defendem a volta da ditadura militar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um desdobramento da análise da Teoria Crítica da Tecnologia de Feenberg, traçamos, abaixo, algumas dimensões necessárias a serem observadas pelos docentes de história quando da sua relação com as tecnologias.

O propósito é contribuir com os docentes para o aprimoramento de visões, assim como criar ou aprimorar suas concepções sobre as tecnologias em sua prática de ensino. Nesse sentido, elaboramos um quadro de orientação ao professor de história, esclarecendo que a concepção docente sobre as tecnologias indicará proximidade o um modelo de ensino ancorado em valores tradicionais, mantendo a mesma linha de um trabalho memorialista e cronológico, assim como poderá indicar proximidade de uma prática de ensino ancorada na criticidade e coletividade, com apreço aos valores democráticos.

<b>CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA CRÍTICA DA TECNOLOGIA DE FEENBERG AO ENSINO DE HISTÓRIA</b>	
<b>SE AS CONCEPÇÕES DE TECNOLOGIAS DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA ESTIVEREM ANCORADAS</b>	<b>IMPACTO NA PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA COM ÊNFASE</b>
<p>1</p> <p>Deslumbramento Instrumental Reprodução Recurso</p>	<p>2</p> <p>CONSERVADORAS Reprodução de velhas práticas docentes (ausência de crítica)</p>
<p>3</p> <p>Protagonismo Coletividade Construção de mundos Emancipação Promoção da democracia</p>	<p>4</p> <p>CRÍTICAS Práticas de ensino que se ancoram na democracia e na promoção da cidadania</p>

Fonte: o autor.

Como observamos no quadro de contribuições, se as concepções docentes sobre as tecnologias estiverem ancoradas no deslumbramento, na instrumentalização, na reprodução, na mera utilização como

um recurso, isso reverberará numa prática de ensino pautada, ainda, pela reprodução de velhas práticas docentes.

Por outro lado, se os docentes constituírem concepções ancoradas numa perspectiva que contemple a coletividade, a democracia, a construção de mundos e o protagonismo, isso reverberará em práticas ancoradas na promoção da cidadania, sendo a tecnologia uma possibilidade para todos, ancorada na promoção da democracia.

Essas ponderações sobre a teoria crítica da tecnologia de Andrew Feenberg dialogadas com o ensino de história podem contribuir, positivamente, na mudança de visões sobre o assunto, ao passo de que, em um contexto democrático, a tecnologia está para a coletividade sem quaisquer distinções.

## REFERÊNCIAS:

FEENBERG, A. O que é a filosofia da tecnologia? Trad. Augstin Apaza: *In: NEDER, R. T. (Org.) A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/ Capes, 2013.

FEENBERG, A. O que é a filosofia da tecnologia? Trad. Augstin Apaza: *In: NEDER, R. T. (Org.) A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS/UnB/ Capes, 2010a.

FEENBERG, A. Racionalização subversiva: Tecnologia, Poder e Democracia Trad. Augstin Apaza: *In: NEDER, R. T. (Org.) A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/ Capes, 2010b.

FEENBERG, A. Do essencialismo ao construtivismo: a filosofia da tecnologia em uma encruzilhada Trad. Augstin Apaza: *In: NEDER, R. T. (Org.) A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/ Capes, 2010c.

FEENBERG, A. O que (nos) quer dizer a Teoria Crítica da Tecnologia? Augstin Apaza: *In: NEDER, R. T. (Org.) A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/ Capes, 2010d.

FEENBERG, A. Teoria crítica da tecnologia: um panorama. Augstin Apaza: *In: NEDER, R. T. (Org.) A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/ Capes, 2010e.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARICONDA, P. R.; MOLINA, F. T. Entrevista com Andrew Feenberg. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 165-171, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662009000100009&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 ago. 2020.

ROCHA, J. C. C. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Rio de Janeiro: Ed. Caminhos, 2021.

RUCKSTADTER, V. C. M.; RUCKSTADTER, F. M. M.; SOUZA, G. C. de. Autoridade e Disciplina em Tempos de Autoritarismo: lições de Paulo Freire. *Olhar de Professor*, [S. l.], v. 24, p. 1–21, 2021. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.24.16762.040. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16762>. Acesso em: 01 ago. 2022.

SELWYN, N. O que queremos dizer com “educação” e “tecnologia”? Capítulo traduzido pela Professora. Giselle Martins dos Santos Ferreira. In: SELWYN, N. *Ducation an Tecnology: key issues and debates*. Edição para-Kindle. Londres: Bloomsbury, 2011. Disponível em: [https://ticpe.files.wordpress.com/2016/12/neil\\_selwyn\\_keyquestions\\_cap1\\_trad\\_pt\\_final1.pdf](https://ticpe.files.wordpress.com/2016/12/neil_selwyn_keyquestions_cap1_trad_pt_final1.pdf). Acesso em: 02 abr. 2020.

#### Informações do(a)s autor(a)(es)

*Francisco Amarildo Freires dos Santos*  
*Doutorando em Educação – Linha de Pesquisa: TICPE*  
*Universidade Estácio de Sá – UNESA/RJ*  
*E-mail: amarildodoutorado@gmail.com*  
*ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7536-2741>*  
*Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0165567184975068>*